

GLADIADORES DO ALTAR? DISCUTINDO A NOÇÃO DE ESTRANHAMENTO NO DISCURSO RELIGIOSO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

¿GLADIADORES DEL ALTAR? DISCUTIENDO LA NOCIÓN DE EXTRAÑAMIENTO EN EL
DISCURSO RELIGIOSO DE LA IGLESIA UNIVERSAL DEL REINO DE DIOS

ALTAR GLADIATORS? DISCUSSING THE STRANGENESS NOTION IN THE RELIGIOUS
DISCOURSE OF THE UNIVERSAL CHURCH OF THE KINGDOM OF GOD

Elisane Pinto da Silva Machado de Lima*

Instituto Federal Sul-rio-grandense

RESUMO: Na atualidade, não raro o termo “gladiador” tem sido empregado, em determinados discursos, como o religioso, o empresarial, o esportivo, dentre outros, o que corresponde a um elemento de saber que vem de outro lugar, decorrente de movimentos da história e, assim, dos sentidos. Neste artigo, analiso a ocorrência do termo “gladiador” no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus, ou ainda, o *estranhamento*, conforme Ernst (2009), causado pela presença desse termo na linearidade de um discurso ao qual, em princípio, não pertenceria. Para análise, tomo como *corpus* três sequências discursivas extraídas de uma reportagem, publicada no site da Igreja Universal de 08/03/2015, sobre o projeto “Gladiadores do Altar”, o qual consiste em preparar jovens para propagar a religião. No percurso teórico, volto-me principalmente para a noção de formação discursiva, desenvolvida por Pêcheux, focando na instabilidade de suas fronteiras, o que resulta na heterogeneidade discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Estranhamento. Formação Discursiva.

RESUMEN: En la actualidad, no ha sido raro el empleo del término “gladiador”, en determinados discursos, como el religioso, el empresarial, el deportivo, entre otros, lo que corresponde a un elemento del saber que viene de otro sitio, originado de movimientos de la historia y, de este modo, de los sentidos. En este artículo, analizo, entonces, la ocurrencia del término “gladiador” en el discurso religioso de la “Iglesia Universal del Reino de Dios”, o aún, el extrañamiento, de acuerdo con Ernst (2009) causado por la presencia de este término en la linealidad de un discurso al cual, de pronto, no pertenecería. Para el análisis, tomo como corpus tres secuencias discursivas extraídas de un reportaje, publicado en la “Folha Universal” de 08/03/2015, acerca del proyecto “Gladiadores del Altar”, el cual consiste en preparar jóvenes para propagar la religión. En la trayectoria teórica, vuelvo la mirada principalmente para la noción de formación discursiva desarrollada por Pêcheux, focalizando en la inestabilidad de sus fronteras, lo que resulta en la heterogeneidad discursiva.

* Doutora em Letras pela Universidade Católica de Pelotas. Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Instituto Federal Sul-rio-grandense. E-mail: elisane@pelotas.ifsul.edu.br.

PALABRAS-CLAVE: Discurso. Extrañamiento. Formación Discursiva.

ABSTRACT: Nowadays, not rarely has the term “gladiator” been applied in certain discourses, like the religious, the business, the sports, among other ones, which corresponds to a knowledge element coming from another place, as a consequence of history movements and, thus, of senses. In this article, I analyze the occurrence of the term “gladiator” in the religious discourse of the Universal Church of the Kingdom of God, or, better yet, the strangeness, according to Ernst (2009), caused by the presence of this term in the linearity of a discourse to which, at first, it would not belong. For the analysis, I take as *corpus* three discourse sequences extracted from a report, published on the Universal Church website of 08/03/2015, concerning the Project “Altar Gladiators”, which consists on preparing young people to propagate the religion. In the theoretical review, I mainly consider the notion of discourse formation, developed by Pêcheux, focusing on the instability of its borders, which results in the discourse heterogeneity.

KEYWORDS: Discourse. Strangeness. Discourse Formation.

1 INTRODUÇÃO

Em artigo intitulado *A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo*, Ernst (2009) apresenta uma perspectiva ao trabalho do analista de construir o *corpus* discursivo, para que o gesto analítico faça o trajeto necessário, constante e coerente entre análise e teoria. Para isso, a autora propõe três conceitos-chave – a falta, o excesso, o estranhamento –, postulando que funcionam de forma operacional na medida em que auxiliam o analista a criar o gesto de interpretação frente ao *corpus*. Observa Ernst (2009, p. 1) que tais conceitos servem “[...] como princípios gerais e não como dispositivos técnicos, de caráter formalista e empírico. Ao contrário, tais conceitos podem e devem abrigar incontáveis modos do dizer e do não-dizer.”

Com base no estudo mencionado, trabalharei a noção de estranhamento no presente artigo, a partir da ocorrência do termo *gladiador* no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). A noção de estranhamento concerne ao que emerge numa formação discursiva como o alheio exterior que irrompe na linearidade trazendo consigo a incidência de saberes outros que ali passam a funcionar desestabilizando uma rede de memória e instaurando a presença de uma outra. Assim sendo, começarei abordando a questão da heterogeneidade discursiva conforme Pêcheux (1997a, 1997b). Antes de prosseguir, saliento que a heterogeneidade discursiva, problematizada por Pêcheux desde a segunda fase da Análise de Discurso, intensificou-se na terceira fase, momento importante de revisão teórica, ao dialogar com a teoria da Heterogeneidade Enunciativa, postulada por Authier-Revuz, a qual aborda a ocorrência de discursos “outros” no dizer do enunciador.

2 A INDETERMINAÇÃO DAS FRONTEIRAS DO DISCURSO

Quando nos propomos a falar em fronteiras do discurso, é preciso começar abordando o conceito de formação discursiva, pois é esta que demarca os domínios discursivos, embora suas fronteiras não garantam a condição de domínio fechado, livre da “invasão” do alheio exterior, ou seja, de saberes advindos de outras formações discursivas.

Nos primórdios da Análise de Discurso (AD), a formação discursiva (FD), quando começou a ser delineada, era vista como um espaço ideológico regulado, fechado e homogêneo. Compreendia um elemento das formações ideológicas, concernente às condições de produção, sobretudo como uma posição no interior da luta de classes (HAROCHE et al., 1971). O conceito de formação discursiva foi, no entanto, retomado por Pêcheux, primeiramente, em *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, sendo problematizado e concebido não mais como um espaço ideológico fechado e homogêneo, mas como um espaço heterogêneo, marcado pela multiplicidade de vozes que poderiam se complementar, dialogar, discordar e até mesmo se opor. Tudo isso pelo fato de as formações discursivas serem regionalizadas no interdiscurso, definido como o “[...] ‘todo complexo dominante’ das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 1997a, p. 162). Em *Análise de Discurso: três épocas*, ao abordar a FD, no que denominou segunda fase da AD, Pêcheux (1997c, p. 314) postula: “[...] uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar [...]”.

Nessa fase, começa a brotar, nas análises de *corpora*, a heterogeneidade discursiva, decorrente das infiltrações de saberes entre as formações discursivas, mas sem que estas deixassem de ter suas regras de formação, mantendo certa regularidade que as sustentassem. Assim, os sentidos internos às formações discursivas estão sob o domínio do interdiscurso. Nesse estágio da teoria, o interdiscurso passou a ser apontado como regulador dos discursos, devido ao fato de controlar os possíveis deslocamentos das fronteiras entre as formações discursivas. Nesse ínterim, Courtine abordou o interdiscurso não só como uma repetição vertical de saberes atinentes à memória do dizer, mas também “[...] como instância de formação/repetição/transformação dos elementos do saber dessa FD, [que] pode ser apreendido como que regula o deslocamento de suas fronteiras” (COURTINE, 2009, p. 100). Assim, segundo esse autor (2009), o interdiscurso compreende um espaço contraditório contemplando/organizando o interior e o exterior de uma formação discursiva, deixando vaziar o que, em tese, não poderia e nem deveria ser dito, ou seja, o “estranho” para determinada formação discursiva. É enfocada, também, nesse momento, a relação entre interdiscurso e intradiscurso, sendo, pois, na base linguística, no intradiscurso, que os saberes provenientes do interdiscurso se materializam.

Na relação entre intradiscurso e interdiscurso, reforça-se a questão da língua como “relativamente autônoma”, que, pela intervenção do ideológico das formações discursivas, é suscetível ao equívoco, às falhas, aos deslocamentos. A constituição do intradiscurso como espaço heterogêneo e de rupturas é decorrente da instabilidade das formações discursivas. Enfocando na questão da instabilidade das FDs, na AD-3, Pêcheux (1997b), para além da admissão da permeabilidade de saberes outros nas formações discursivas, reforçou a questão do discurso marcado pela heterogeneidade, compreendendo as diferentes posições assumidas pelo sujeito quando, sob efeito da identificação, incide o discurso do outro. Nas revisões teóricas a que a AD estava sendo submetida, Pêcheux (1997b) pôs em cena os estudos de Authier-Revuz sobre a questão da heterogeneidade enunciativa, para cujo desenvolvimento a autora se embasou na noção de interdiscurso trabalhada pela AD, na de dialogismo bakhtiniano e na de sujeito cindido psicanalítico. Segundo a autora, “[...] todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos ‘outros discursos’ e pelo ‘discurso do outro’. O outro não é um objeto (exterior, do qual se fala), mas uma condição (constitutiva, para que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte-primeira desse discurso.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69).

A heterogeneidade, conforme Authier-Revuz (2004), divide-se em constitutiva e mostrada. A primeira compreende os processos de constituição do discurso, em que a voz do outro sempre estará na base do dizível, não se mostrando no “fio do discurso”, e a segunda compreende a voz do outro que irrompe no “fio do discurso”, alterando a aparente unicidade da cadeia discursiva. Assim, estava desenvolvida a questão da heterogeneidade, sob a ótica enunciativa, apontando para a incidência do outro sobre o mesmo.

É nesse repensar sobre “o primado do outro sobre o mesmo”, problematizado no início dos anos oitenta, ou ainda, na chamada AD3, que a contradição e a falha no assujeitamento são reinterpretadas e compreendidas no âmbito da heterogeneidade, escapando a qualquer tentativa de controle do sujeito. Ao enfatizar a questão da heterogeneidade, abordando as “formas linguístico-discursivas do *discurso-outro*”, Pêcheux destaca: “[...] discurso de um outro, colocado em cena pelo sujeito, ou discurso do sujeito se colocando em cena como um outro [...]” e, como o autor mesmo afirma, sobretudo, “[...]a insistência de um ‘além’ interdiscursivo que vem, aquém de todo autocontrole funcional do ‘ego-eu’ [...]” (1997c, p. 316-7, grifo do autor).

Na última reformulação de Pêcheux sobre a teoria da AD, foi então enfocada a indeterminação da fronteira de uma formação discursiva, ressaltando a inconsistência desta. Segundo o autor,

[...] só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes de trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo — isto é, no caso, por um “erro de pessoa”, isto é, sobre *o outro*, objeto da identificação. (PÊCHEUX, 1997b, p. 56, grifo do autor)

A partir dessas observações, em que se destacaram fundamentalmente “o primado do outro sobre o mesmo”, a fragilidade ou diluição das fronteiras discursivas e o intradiscorso como lugar heterogêneo onde irrompe o discurso do outro, é abordado o elemento estranho, provocando o “estranhamento”, inquietando o analista de discurso, conclamando-o ao trabalho de análise.

3 O GESTO DE ANÁLISE

Quando realizamos um estudo à luz da Análise de Discurso, é necessário considerar as particularidades teóricas e metodológicas próprias dessa teoria, a fim de direcionar o procedimento analítico. Primeiramente, é oportuno ressaltar que, embora apoiando-nos no linguístico para poder entender o processo de constituição dos sujeitos e de produção de sentidos, não é o modo como o texto se organiza linguisticamente que interessa, mas a relação da língua com a história, compreendendo aquela não como uma estrutura fechada, homogênea, mas sujeita a falhas, deslizes, opacidades, por estar inscrita na história. Assim sendo, o que interessa à Análise de Discurso é a “ordem significante”, ou seja, a forma de ordenação da língua que torna possível compreender os modos de produção do sentido. Por isso, ao realizar o trabalho analítico, o analista não busca atravessar a estrutura linguística para alcançar um conteúdo, um sentido original ali existente, mas apontar os “gestos de interpretação” – atos simbólicos de produção de sentidos – dos sujeitos na constituição do sentido em sua materialidade linguística e histórica. Conforme Orlandi (2011, p.17), “[...] o sentido é uma relação determinada do sujeito com a história e é o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua na produção dos sentidos. Esta é a marca da subjetivação, traço da relação da língua com a exterioridade. É essa aliás a maneira mais discursiva de se dizer que o sujeito se constitui na relação com o simbólico.”

É, portanto, na sujeição do sujeito à língua na história, na sua relação com o simbólico, que se dá a constituição da subjetividade, tendo em vista que o gesto de interpretação empreendido pelo sujeito determina o sentido, apontando o lugar de onde o dizer é produzido. Devido a isso, ao proceder à análise, o analista deve, com o dispositivo determinado, ser capaz de descrever o gesto de interpretação do sujeito, com os sentidos que, a partir de então, são produzidos, considerando também as condições de produção do discurso.

Tendo em vista a memória do dizer como determinante do processo de produção do discurso, o analista deve conceber o sentido como que se constituindo a partir das posições ocupadas pelos sujeitos em função da(s) formação(ões) discursiva(s) a que estejam identificados. Nesse momento, há que considerar a possibilidade do equívoco decorrente do processo de atuação conjunta do inconsciente e da ideologia. Sobre isso, afirma Pêcheux: “Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação.” E conclui: “É neste espaço que pretende trabalhar a análise de discurso.” (PÊCHEUX, 1997b, p.53).

Considerando que a constituição do discurso se dá pelo cruzamento dos eixos inter e intradiscursivo, é sobre esse funcionamento que a análise deve operar, pois a partir do intradiscorso – elemento primeiro exposto ao olhar –, é que o analista tem acesso ao interdiscorso, uma vez que é naquele que este se sedimenta e se atualiza.

O gesto de análise aqui proposto tem esse movimento, pois parto do intradiscorso, daquilo que na materialidade causou o “estranhamento” – no trabalho aqui em questão - a ocorrência do termo *gladiador*, para o interdiscorso, atentando para as redes de memória mobilizadas pelo sujeito discursivo, ou seja, para o entrecruzamento de saberes oriundos de diferentes regionalizações do interdiscorso, que caracterizam a heterogeneidade discursiva.

4 OS GLADIADORES

O termo gladiador origina-se de gládio – espécie de espada que normalmente era utilizada nos enfrentamentos por lutadores da Roma Antiga. Por sua relação com esse armamento, esses lutadores passaram a ser chamados de “gladiadores”. Estes lutavam entre si ou com feras, assistidos por grandes massas de espectadores, em espaços denominados arenas ou anfiteatros.

Conforme Guarinello (2007), quando os jogos gladiatórios começaram, por volta de 246 a.C, os lutadores eram, em sua maioria, prisioneiros de guerra ou escravos, mas, menos de dois séculos após, a maioria já era de origem livre. As primeiras disputas compreendiam uma espécie de ritual religioso, cujo objetivo era manter viva a memória de um ente falecido, mas, com o passar dos tempos, embora não subsumisse o caráter sagrado, sobressaíam o embate e a presença da morte. Eram, segundo Guarinello (2007, p.128), combates pela vida, num espaço (o anfiteatro), “[...] ao mesmo tempo de honra e degradação.”

No entanto, sobre esses espetáculos e seus lutadores, o que permanece no senso comum é a ideia de força, de violência e de plebe ociosa que vivia de pão e circo (GARRAFFONI, 2008), mas havia aspectos importantes que iam além dessa impressão aparente: a luta por interesses, os jogos de poder, os ensinamentos (aspecto pedagógico). Para a autora, “[...] o gladiador romano é retirado de seu contexto original e reinterpretado a partir de valores modernos” (GARRAFFONI, 2008, p.7). Nos discursos contemporâneos (esportivo, empresarial e, no caso específico deste trabalho, o religioso), o perfil do gladiador “[...] não é fundamentado na especificidade histórica romana, pelo contrário, é constituído a partir de generalizações e da homogeneização desta sociedade e da criação de pontes entre passado e presente baseada em princípios universais.” (GARRAFFONI, 2008, p.7).

Os gladiadores passavam por intensos treinamentos físicos e psicológicos, com o objetivo de vencer a morte, daí prevalecendo a ideia de que foram modelos de valentia, força e superação. De acordo com Garraffoni (2008), o emprego do termo “gladiador”, recorrente na atualidade, principalmente no campo midiático, sofreu generalizações, sendo os gladiadores vistos como “[...] símbolos de auto-controle, vitória e modelo de competitividade masculina [...]” (GARRAFFONI, 2008, p. 8).

Na atualidade, o termo *gladiador*, não raro, tem sido empregado, em determinados discursos, dentre eles, o religioso, o empresarial, o esportivo, o que, se passa despercebido ao olhar de muitos sujeitos, não o deve passar pelo olhar do analista de discurso. Esse elemento estranho se trata de um elemento de saber que vem de outro lugar, por um movimento na história e, trazendo como consequência, movimentos nos sentidos.

5 O ESTRANHAMENTO NO DISCURSO RELIGIOSO: ANALISANDO A OCORRÊNCIA DO TERMO *GLADIADOR*

Passo agora a analisar a ocorrência do termo *gladiador* no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus, ou ainda, o estranhamento causado pela presença desse termo na linearidade de um discurso ao qual não pertenceria. Para análise, são tomadas do *corpus* três sequências discursivas extraídas de uma reportagem de Daniel Cruz (2015), publicada no site da Igreja Universal do Reino de Deus no dia 8 de março de 2015, sobre o projeto Gladiadores do Altar, o qual consiste em preparar jovens para propagar a referida religião. Os Gladiadores do Altar compreendem um grupo formado por cerca de 4000 jovens, os quais se apresentam fardados, com postura e marcha militar.

As sequências discursivas selecionadas para análise são as seguintes:

SD1: Em frente ao Templo de Salomão, jovens fardados e alinhados batem continência em sincronia. Embora carreguem consigo a disciplina de militares, trata-se de outro tipo de soldado: aqueles que lutam em nome da Palavra de Deus. Eles fazem parte do projeto “**Gladiadores do Altar**”. [grifo meu]

SD2: Para isso, são promovidas reuniões semanais que conduzem ao ensino teórico e prático sobre a importância da Obra de Deus, além da conscientização do real motivo pelo qual um “**gladiador**” deve saber servir às pessoas espiritualmente, ou seja, do mesmo modo que um soldado não se preocupa com os obstáculos enfrentados para servir a sua pátria. [grifo meu]

SD3: O bispo Marcelo Brayner, responsável do grupo, explica que “o Força Jovem sempre foi um celeiro de homens do Altar. No entanto, por causa do rápido crescimento da igreja, observamos a necessidade de fazer algo a mais, trazendo o jovem para mais perto de nós, levando-os à disciplina e ao equilíbrio — **afinal, Deus é o Senhor dos Exércitos. Daí a ideia dos gladiadores**, ou seja, servos do seu senhor, servos do Senhor Jesus”. [grifo meu]

Primeiramente, convém observar o fato de que já causa estranhamento a própria expressão *Gladiadores do Altar*, a qual designa o grupo de jovens, que, segundo a IURD, seriam vocacionados para servir a Deus, já que, no discurso religioso, altar representa lugar sagrado, de sacrifício e adoração, e não de luta. Lugar de líderes religiosos e de fiéis/seguidores, e não de soldados. Contudo, essa aparente incompatibilidade produz um efeito de sentido de que na religião há o espaço para o embate, sendo o sacrifício possivelmente a luta para levar sujeitos aos pés do altar (interpelados pela ideologia religiosa sob o risco mesmo da força), mas também a luta para preservar, do domínio dos inimigos, o altar, um dos símbolos maiores da devoção.

Nas três sequências discursivas, a presença do termo *gladiador*, ainda que seja imprevista, estranha, está no intradiscurso, trazendo uma rede de memória que presentifica outro discurso com seus saberes. Embora o termo *gladiador*, como já mencionado anteriormente, não deva estar relacionado apenas à ideia de luta e força, nas três sequências discursivas ele está remetendo principalmente a isso, uma vez que está funcionando ao lado de outros termos tais como “lutam”, “soldado”, “exércitos”, os quais reforçam a noção de luta, de batalha e, em certa medida, de violência. Assim sendo, que efeito de sentido pode estar sendo gerado no entrecruzamento desses saberes? Haveria relação entre discurso religioso e discurso bélico? Contra quem os *gladiadores* lutariam? Que obstáculos enfrentariam? De que exército fariam parte?

Tais questões suscitadas por essas sequências discursivas apontam que há um inimigo e um embate. O sujeito discursivo religioso (o da Igreja Universal do Reino de Deus) está sendo afetado primeiramente por uma memória, qual seja, a de homens fortes, corajosos, disciplinados e determinados a vencer, memória, em geral, afetada por saberes, aportados pelo termo *gladiador*, que se realizam nessas condições de produção. Por seu turno, vem com ela outra memória – a questão do eterno embate entre o bem e o mal –, que orbita o discurso religioso.

Retomando os três últimos questionamentos do conjunto elencado anteriormente, é possível perceber que há uma batalha e há um inimigo, o que não está posto. No entanto, está colocado só um lado do embate, aquele dos *Gladiadores do Altar*, representando a IURD, mas quem ou o que estaria do outro lado? Os pecadores? Os ateus? Os sujeitos que estariam se desviando da religião? Os sujeitos de outras religiões? Em sendo esta última resposta, qual ou quais religiões? No sentido produzido por essa ocultação, reside a possibilidade de intolerância religiosa e de fundamentalismo, pois, na IURD, há a negação de outras religiões. A partir de uma ação religiosa, aparentemente inocente e gloriosa – jovens que se dedicam a servir a Deus e a mostrar o caminho de Deus a outros sujeitos – emerge a questão do conflito religioso, ou ainda, da chamada “Guerra Santa”. Segundo Lima (2002), embora as religiões afro-brasileiras sejam as mais fortemente combatidas pela Igreja Universal do Reino de Deus, o são também as religiões espíritas e a Igreja Católica. No discurso em questão, a coerção é reforçada pelo fato de que não seguir ou desviar-se do que preconiza a IURD implicaria fazer parte de um outro exército, o inimigo.

Nessas sequências discursivas, confirma-se o postulado de Pêcheux iniciado na segunda época da AD, de que uma formação discursiva não é um lugar fechado, uma vez que sofre atravessamento de saberes provenientes de outro lugar. Conforme é possível perceber neste trabalho, a formação discursiva religiosa não se manteve homogênea e hermética, tornando-se, pois, permeável a saberes não pertencentes a ela, quais sejam, aqueles veiculados pelo termo “gladiador”, os quais, embora estranhos, não a contradizem, mas a desestabilizam e a ressignificam. Considerando, conforme Pêcheux (1997a), que a formação discursiva compreende aquilo que pode e deve ser dito no âmbito de uma formação ideológica, observo aqui que a inconsistência de suas fronteiras possibilitou a formulação por parte do sujeito do discurso de algo que, em princípio, não “poderia” ter sido dito, mas que foi formulado, realizado, “organizado” harmoniosamente pelo sujeito, porém não sem causar um movimento nos sentidos.

Ao observar as sequências discursivas, identifico, ainda, nas SDs 1 e 2, a presença das aspas em “gladiadores do Altar” e “*gladiador*”, indicando a heterogeneidade mostrada, teorizada por Authier-Revuz (1998). As aspas, conforme a autora, inscrevem o outro no “fio do discurso”, pois, mesmo não rompendo a linearidade, registram a alteridade que ali se faz presente. Ao fazer uso das aspas, o sujeito do dizer, movido pela ilusão de controlar a homogeneidade do discurso, de manter a aparente unidade, tenta inconscientemente uma negociação com a presença desse outro, que imperativamente ali se coloca. Convém observar que não só o termo “gladiador” está entre aspas, mas também “gladiadores do Altar”, pois naquele marca a inserção do outro no discurso do sujeito e neste marca, além disso, a fusão desse outro na formação discursiva do sujeito.

Observo, nestas sequências discursivas, que o elemento estranho, o termo *gladiador*, presente no intradiscurso, remete àquilo que, no interdiscurso, o todo complexo com dominante das formações discursivas, é atinente aos jogos gladiatórios da Roma Antiga. No entanto, a língua foi trabalhada pela história e pela ideologia, havendo, pois, um deslocamento do sentido com que lá era empregado, para o sentido constituído atualmente no senso comum, conforme observado por Garraffoni (2008), predominando a disciplina, a força, a coragem e a determinação para a luta. Foi, portanto, este último conjunto de saberes que se entrecruzou com a formação discursiva religiosa da Igreja Universal do Reino de Deus, emergindo no dizer do sujeito discursivo, através do termo “gladiador”, provocando deslocamentos e presentificando outra memória. Indursky (2005), retomando a questão levantada por Pêcheux (1997a) de que os sentidos podem tornar-se outros, devido ao fato de que “não há ritual sem falhas”, aponta como sendo uma das falhas do ritual: “[...] entrada de novos saberes, anteriormente alheios a um determinado domínio de saber, produzindo a transformação/reconfiguração de uma FD. E isto ocorre porque a FD é dotada de fronteiras bastante porosas que permitem a entrada de saberes que lhe eram alheios em um determinado momento.” (PÊCHEUX, 1997a, p. 9).

Essa falha no ritual, no assujeitamento, correspondente à entrada do outro no discurso, protagonizado neste trabalho pela ocorrência do termo *gladiador* no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus, provocando o “estranhamento”, coloca em questão a heterogeneidade discursiva, através da incidência do “outro sobre o mesmo”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pôde ser constatado, a ocorrência do termo *gladiador*, na linearidade do discurso da Igreja Universal do Reino de Deus, causou estranhamento, por compreender, conforme Ernst, o surgimento no nível intradiscursivo de um elemento caracterizado pela “[...] imprevisibilidade, a inadequação, e o distanciamento daquilo que é esperado.” (ERNST, 2009, p.5). Contudo, tal estranheza não pôde ser vista como uma “incoerência” do sujeito discursivo, mas sim como uma ocorrência que trouxe para o discurso onde está se realizando a presença de uma memória, de saberes que, vindos de outro campo discursivo, realocaram-se reclamando sentidos.

A presença do termo *gladiador* na formulação é decorrente da permeabilidade das formações discursivas, conforme desenvolvido por Pêcheux da AD-2 a AD-3. Infiltrada por um elemento que não faz parte de sua constituição, a formação discursiva passa por um processo de ajuste e reconfiguração, para acomodar aquilo que veio de outro lugar, porque, conforme Pêcheux (1997b), “não há ritual sem falhas”. Tal presença e conseqüente estranhamento foram percebidos, ainda que inconscientemente, pelo sujeito discursivo, o que pôde ser visto quando, diante da “não-coincidência do dizer”, o sujeito empregou as aspas, tentando ilusoriamente homogeneizar o discurso que, em sua constituição mesma, já é heterogêneo.

Considerar esse estranho que irrompe no discurso, apontando para o diferente, a alteridade, significa, segundo Pêcheux (1997b), trabalhar com universos discursivos não logicamente estabilizados, considerados no espaço sócio-histórico. Desse modo, o elemento *gladiador*, representando o estranho nas formulações aqui analisadas, indica que, no aparente “mundo semanticamente normal”, os discursos e os sujeitos escapam dessa homogeneidade lógica ilusória, mas necessária.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Trad. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Trad. Cristina de Campos et al. São Carlos: EdUFSCAR, 2009.

CRUZ, Daniel. Conheça o novo projeto “Gladiadores do Altar”. *Universal*, Rio de Janeiro, 08 mar. 2015. Disponível em: <http://www.universal.org/noticia/2015/03/08_conheca-o-novo-projeto-galdiadores-do-altar-32332.html>. Acesso em: 06 dez. 2015.

ERNST, Aracy. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4. Porto Alegre, 2009. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/sead4_simposios.html>. Acesso em: 17 jan. 2016.

INDURSKY, Freda. Formação discursiva: ainda é possível trabalhar com esta noção? Por quê? In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DE DISCURSO, 2. Porto Alegre, 2005. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <<http://www.analise.dodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/sead2.html>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

GARRAFONI, Renata Senna. Arenas Antigas e Estádios Modernos. *Recordes: Revista de História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 1-15, 2008. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Recordes/article/view/788>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Violência como espetáculo: o pão, o sangue e o circo. *História*, São Paulo, v. 26, n.1, p. 125-132, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742007000100010>>. Acesso em: 17 dez. 2015.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. *Langages*, Paris, n. 24, p. 93-106, 1971.

LIMA, Elisane Pinto da Silva Machado de. *Se formos fiéis a Ele, Ele certamente será fiel a nós: a condicionalidade e o discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus*. 2002. 190f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2002.

ORLANDI, Eni P. O próprio da Análise de Discurso. *Escritos*, Campinas, LABEURB/UNICAMP, n.3, p. 17-19, 2011. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/pdf/escritos/Escritos3.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997a.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Trad. de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1997b.

_____. Análise de discurso: três épocas. In: GADET, Françoise; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso*. Trad. Bethania S. Mariani et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997c. p. 311-319.

Recebido em 29/10/2016. Aceito em 10/12/2016.